

História da Ciência em Portugal com Carlos Fiolhais

Parte II – a Idade de Ouro e os desafios da ciência portuguesa

written by Rui Paulo Costa | 26 de Janeiro, 2025



Nesta sessão, o **Professor Carlos Fiolhais** conduziu-nos numa exploração profunda sobre o papel dos cientistas portugueses durante os séculos XV e XVI. Estas eras de ouro, marcadas por descobertas significativas e desafios culturais, mostrou como a ciência em Portugal foi simultaneamente enriquecida por colaborações globais e prejudicada pelas restrições impostas pela intolerância religiosa. Este artigo mergulha nas reflexões e temas abordados durante a sessão, incluindo as contribuições dos cientistas judeus, o impacto da Revolução

Científica e o papel da astronomia no desenvolvimento do conhecimento.

Contributos judaicos para a ciência em Portugal

Carlos Fiolhais começou por destacar os contributos notáveis de três cientistas portugueses que partilhavam uma ascendência judaica: **Pedro Nunes, Garcia da Orta e Amato Lusitano**. Durante o Renascimento, estes homens exemplificaram como a ciência pode florescer mesmo em condições adversas:

Pedro Nunes, um dos maiores matemáticos e cosmógrafos da sua época, foi pioneiro na navegação com a criação da linha de rumo, um conceito que revolucionou a capacidade de orientar embarcações em mar aberto. O professor explicou como as suas ideias influenciaram a ciência global, especialmente no desenvolvimento da cartografia. ***“Pedro Nunes mostrou que a ciência não tem fronteiras. As suas contribuições atravessaram oceanos, tanto metaforicamente como mesmo literalmente”***, afirmou;

Garcia de Orta, por sua vez, destacou-se como médico e botânico, sobretudo através da publicação dos seus *Colóquios dos Simples e Drogas da Índia*. Esta obra reuniu informações detalhadas sobre as propriedades medicinais de plantas tropicais e influenciou a medicina europeia durante décadas. Segundo Carlos Fiolhais, a capacidade de Garcia da Orta em aprender com outras culturas ilustra a importância do intercâmbio de saberes: ***“Ele não trouxe apenas o conhecimento da Índia para Portugal, ele criou uma ponte entre dois mundos”***;

Já **Amato Lusitano**, médico e anatomista de renome internacional, realizou descobertas fundamentais no campo da circulação sanguínea. No entanto, como observou o palestrante, Amato foi forçado a viver no estrangeiro devido à perseguição religiosa. ***“Portugal perdeu um génio para o exílio. Amato***

Lusitano teve de procurar no exterior o espaço que o seu país de origem não lhe ofereceu”, lamentou.

A intolerância religiosa, que culminou com a implementação do Santo Ofício, foi um tema recorrente na discussão. Carlos Fiolhais sublinhou que muitos cientistas judeus tiveram de esconder a sua identidade ou emigrar para poderem continuar a trabalhar. **“Esta é uma lição histórica importante: o conhecimento e a criatividade humana só prosperam em ambientes de liberdade”**, frisou.

O impacto da Revolução Científica

Avançando no tempo, o professor explorou a Revolução Científica dos séculos XVI e XVII e as suas repercussões em Portugal. Destacou os contributos de cientistas europeus como **Galileu Galilei, Johannes Kepler e Isaac Newton**, cuja obra estabeleceu os alicerces da ciência moderna.

Um ponto central foi a **adoção do calendário gregoriano por Portugal em 1582**, que segundo o físico, demonstrou o compromisso do país com os avanços astronómicos da época. Este novo sistema, desenvolvido sob a liderança do Papa Gregório XIII e de cientistas como Cristóvão Clávio, corrigiu discrepâncias no cálculo do tempo e foi um marco na história da astronomia. **“Portugal foi um dos primeiros países a implementar o novo sistema, um testemunho da sua participação ativa na ciência global”**, afirmou.



Pedro Nunes. Direitos Reservados

O cientista destacou também a contribuição de portugueses para o avanço da astronomia, dando o exemplo, de como as observações de eclipses ajudaram a refinar tabelas astronómicas utilizadas em todo o mundo. Embora Portugal não tenha produzido figuras tão emblemáticas quanto Galileu ou Newton, Carlos Fiolhais apontou que o país desempenhou um papel crucial como **mediador e disseminador de conhecimento**, devido à sua posição geográfica e estratégica, ao seu Império e por ser a ligação da velha Europa com o resto do mundo: América, África, Índia, China e Japão.

A ciência em tempos de intolerância

Um dos momentos mais marcantes da sessão foi a discussão sobre o impacto da intolerância religiosa e política na ciência portuguesa. O lente sublinhou que o Santo Ofício, instituído em 1536, reprimiu muitas iniciativas científicas ao censurar obras, perseguir pensadores e criar um clima de medo. ***“A perseguição religiosa não apenas privou o país de grandes mentes, como também retardou o progresso científico por gerações”***, comentou.

Mencionou casos emblemáticos de censura e repressão, mas também abordou exemplos de resiliência. Citou os jesuítas, que

apesar de terem sido expulsos em 1759, deixaram um legado significativo na educação científica. ***“Os colégios jesuítas foram pioneiros na introdução de disciplinas científicas no currículo, plantando sementes que germinariam no futuro”***, afirmou.

Outro tema abordado foi a modernização da Universidade de Coimbra durante a **reforma pombalina**, em 1772. Carlos Fiolhais explicou como esta reforma representou um **esforço para alinhar Portugal com as correntes científicas europeias**, através da criação de laboratórios e da introdução de disciplinas como física e química. No entanto, apontou também as **limitações deste processo**, especialmente no contexto de uma sociedade que ainda enfrentava algum obscurantismo.



Um Vulto da divulgação do SABER. Foto de FILIPE ARRAIS

Ao encerrar a sessão, Carlos Fiolhais deixou **uma mensagem poderosa** sobre a importância da liberdade e do intercâmbio cultural para o progresso científico. ***“Portugal, com a sua posição geográfica e histórica, teve o privilégio de estar na encruzilhada de várias culturas. No entanto, este privilégio só pode ser plenamente aproveitado num ambiente de abertura e tolerância”***, concluiu.

Com o entusiasmo habitual do público, a segunda sessão do curso reforçou a relevância de visitar o passado para compreender os desafios e oportunidades do presente.

As próximas sessões prometem continuar a desvendar as camadas da rica história científica de Portugal, que Carlos Fiolhais tão brilhantemente tem sabido trazer à luz.

OC/RPC

Nota de edição: Este artigo foi enriquecido, integrando algumas sugestões gentilmente cedidas pelo Professor Carlos Fiolhais.